

**POLÍTICA OPERÁRIA**

# O que esperar das eleições?

O voto é opcional para a grande maioria dos estudantes secundaristas. Para convencê-los a participar, então, os partidos da burguesia e o Estado submetem os estudantes, desde muito cedo, à falsa propaganda de que, através das eleições, tudo pode melhorar, basta “votar consciente”. Uma variante dessa política é a ideia de que votando “errado”, tudo pode piorar. Essa propaganda é reforçada pelas entidades estudantis nacionais (UNE e UBES), em suas plataformas eleitorais.

Votando ou não votando, porém, a juventude continua sofrendo com as decisões que são tomadas pelos politiquieiros, ano após ano. Por isso, é importante desmascarar o conteúdo das eleições.

## Como foi o primeiro turno no Brasil?

Aqui, nas eleições municipais, vimos mais do mesmo: promessas demagógicas de todos os candidatos, de melhora nas condições de vida dos explorados. De maneira geral, prevaleceram, nesse primeiro turno, as candidaturas de direita. A ultradireita bolsonarista não conseguiu demonstrar a mesma força de 2018, enquanto as esquerdas também tiveram um desempenho fraco.

Vale o destaque para a candidatura de Guilherme Boulos (PSOL), em São Paulo. Este partido se coloca como representante dos explorados, mas não escapa do caráter ilusório e demagógico dos seus oponentes. Fazemos essa crítica, pois, em vez de denunciar o conteúdo de classe das eleições e colocar a necessidade da luta direta pelas reivindicações mais sentidas, Boulos alimenta a ilusão de que, caso vença a eleição, fará um governo para o povo.

Não fará – e aqui não se trata de avaliar as suas intenções. Isso não importa. O que realmente importa é que das urnas só pode sair um governo burguês. A composição social e partidária da Câmara de Vereadores demonstra isso: dos 55 vereadores, quase 40 são da direita e ultradireita. Como Boulos poderá governar, levando adiante seus projetos, sem conseguir aprová-los na Câmara?

Não é por coincidência que a sua chegada ao segundo turno das eleições não se reflete na potenciação da luta nas ruas. Não nos surpreende ele ter comparecido à Associação Comercial de São Paulo e ter dito que não “demonizará” o setor privado: esse é o seu recado à burguesia, de que ele poderá ser mais um representante dos interesses da classe dominante na Prefeitura.

## E nos Estados Unidos?

Nos EUA, o democrata Joe Biden venceu as eleições. A semelhança que há entre o processo nos EUA e no Brasil é o seu conteúdo de classe oculto: muito se falou sobre a necessidade de derrotar o intervencionismo unilateral e agressivo de Trump, além de sua política racista, misógina e xenófoba. Votar em Biden, de acordo com esse raciocínio, seria a forma de impor tal derrota ao trumpismo.

Mas, o que se passou de verdade foi que os explorados foram chamados a escolher os representantes que administrarão o Estado, segundo os interesses da classe dominante, classe minoritária e exploradora, que é a burguesia, e não segundo os interesses da maioria explorada. Biden e Trump são duas faces da mesma moeda, representam frações distintas dentro da mesma classe social.

As eleições nos EUA têm especial valor, na medida em que esse país é a maior potência imperialista do mundo, cuja burguesia submete e explora os demais países semicoloniais, inclusive o Brasil.

Uma derrota das classes oprimidas nas potências, com o reforço das ilusões na democracia burguesa, reflete-se como uma derrota de classe mundial. A vitória do democrata nos EUA não mudará a essência da política imperialista da burguesia estadunidense. Biden dará continuidade ao descarregamento da crise sobre os explorados dos EUA e sobre as nações oprimidas.

## Se não adianta votar, então, o que fazer?

Eleição após eleição nada muda para melhor, muito pelo contrário, só tem mudado para pior com o avanço das crises capitalistas. É o que nos mostra os dados de desemprego. É o que tem sido escancarado com a pandemia. A juventude deve, desde já, rejeitar todas as mentiras da burguesia e dos seus politiquieiros. As eleições são um instrumento de disputa da classe dominante. Nada têm a ver com os mais pobres e oprimidos.

Os estudantes não devem esperar que das eleições saiam as soluções de seus problemas e de suas famílias. Devem combater junto à classe operária no terreno da independência de classe. Só a luta, com os métodos da ação direta, é que defenderá a educação pública, a saúde dos mais pobres e a fonte de sobrevivência dos explorados (que é o emprego e os salários).

# Desemprego explode na juventude

A juventude, aqui considerada de 18 a 24 anos, sempre sofreu de uma taxa de desemprego maior que a da média geral da população. Porém, nos períodos de crise, essa diferença costuma aumentar. Em outras palavras, o peso da crise recai com mais força sobre as costas dos mais jovens.

Neste ano, com a crise sanitária que impulsionou a crise econômica já existente, a diferença entre a taxa de desemprego geral no Brasil e a taxa de desemprego entre os jovens explodiu e chegou a 16,4%. Em julho, a taxa geral era de 13,3% e entre os jovens 29,7%, mais que o dobro!

Dados mais recentes certamente revelarão uma piora no cenário, já que o desemprego geral também está batendo recorde e, no trimestre encerrado em agosto, chegou à 14,4% ou 13,8 milhões de pessoas. Outro dado que preocupa são os chamados “nem-nem”, jovens que nem trabalham, nem estudam. Na faixa de 20 até 24 anos, essa taxa saiu de 26%, em 2012, para 35% esse ano.

Isso está revelando a profunda destruição de forças produtivas no país, recaindo principalmente sobre a força de trabalho. O capitalismo em decomposição cambaleia de crise em crise, acumulando riquezas incalculáveis de um lado e miséria extrema do outro, basta ver que 1/4 da população vive com menos de R\$ 500,00 por mês. Boa parte da juventude está nesta estatística.

Este número do boletim Juventude em Luta é especial, pois é lançado durante um período eleitoral, onde as correntes e partidos de esquerda, adaptados ao jogo

burguês, fazem seu malabarismo de palavras para mentir aos jovens, dizendo que seus problemas serão resolvidos com a eleição do candidato A ou B.

*Nós dizemos que não será por essa via que a juventude conseguirá se desvencilhar das amarras do capital, que as prende à condição miserável de existência. Duas tarefas se impõem para a juventude proletária:*

**1. Pressionar suas entidades (une, ubes, umes etc.) para sair da passividade e da linha política de conciliação de classes, para que impulsio-nem, junto com as centrais sindicais e movimentos populares, uma campanha nacional por empregos e salários;**

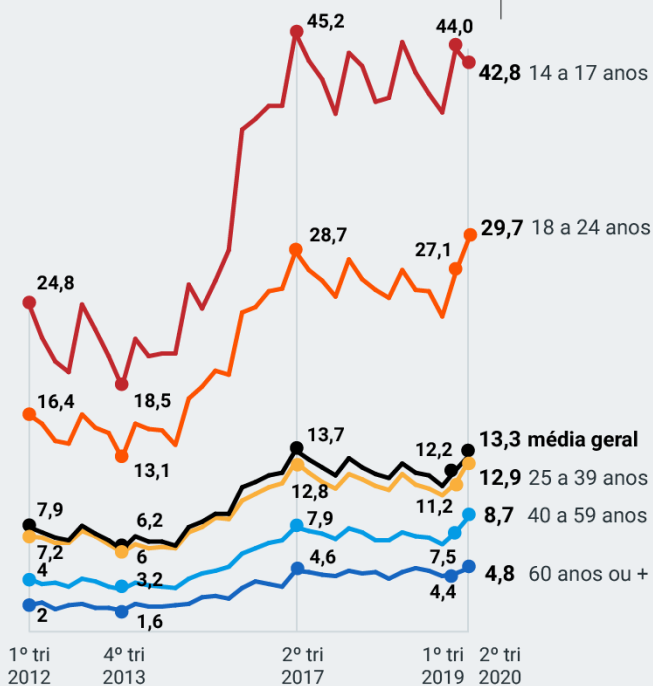
**2. Compreender que suas justas reivindicações de uma vida sem miséria e opressão policial, racial etc., não serão resolvidas nos marcos do capitalismo apodrecido. Suas raízes estão na propriedade privada, na formação do Estado e das classes sociais e só poderão ser resolvidas plenamente com a revolução proletária, fruto da luta da classe operária, da juventude oprimida e demais explorados contra o capital. ■**

## TAXA DE DESEMPREGO POR FAIXA ETÁRIA

Em %



Fonte: PNAD



## Volta às aulas

Nos últimos dias, dois assuntos estão sendo bastante discutidos em relação à Educação: a volta às aulas presenciais e a aprovação automática.

Em São Paulo, a volta às aulas presenciais foi aprovada pelo governador João Doria/PSDB, indicando o dia 03/11 para o ensino médio e o dia 10/11 para atividades extracurriculares na educação infantil e ensino fundamental. Ambos de forma optativa.

A mídia burguesa está divulgando que isso está sendo colocado de forma segura, com base em estudos sorológicos. Com essa demagogia apaziguadora, se esconde que é a burguesia e o governo do estado que estão determinando o retorno, e não os verdadeiros interessados, que são os estudantes, trabalhadores e famílias.

Com o EaD imposto ao ensino público, se produziu outro problema: milhares de alunos não acessaram as plataformas e não entregaram atividades, ou fizeram isso muito precariamente. Diante dessa situação, o Conselho Estadual de Educação de São Paulo adotou a aprovação automática, estando à espera da homologação do secretário da educação, Rossieli Soares.

O governo tem divulgado que a aprovação se dará “apenas para os alunos que tiverem entregado pelo menos uma atividade”. Aos alunos que não realizaram nada, “será feita uma recuperação presencial em janeiro de 2021”. ▶

Deve ser uma lição para a juventude o que ocorreu nesta pandemia. As decisões sobre saúde, emprego, auxílios emergenciais, educação etc., ficaram todas nas mãos da burguesia, diante da paralisia dos movimentos sociais, sindicatos e entidades estudantis. As “lives” não salvaram vidas nem garantiram condições de existência para a maioria oprimida.

Com o fim da quarentena em praticamente todos os setores, a educação segue se sujeitando à política burguesa do isolamento social e à política de conciliação de classes das direções estudantis. É preciso romper com esse atraso e convocar as assembleias presenciais para decidir coletiva e democraticamente sobre o retorno.

***O boletim Juventude em Luta, desde o início da pandemia, vem chamando as massas para não aceitarem essa política passiva de suas direções. A decisão sobre o retorno ou não às aulas e sob quais condições, além das decisões sobre aprovação ou não devem ser tomadas pelos estudantes e trabalhadores da educação, não pelo governo burguês de Doria. ■***

# Dia da Consciência Negra

O ano de 2020 ficará marcado na história como um ano muito difícil para a juventude negra de todo o país. A pandemia expôs de forma brutal a decomposição capitalista e embora os mais pobres em geral tenham sido os mais afetados, entre eles os pretos e pretas sentiram um peso ainda maior. A maioria das contaminações e mortes, a maioria dos desempregados, a maioria daqueles que sofreram com a violência e assassinatos policiais, são negros.

Mesmo assim, as entidades estudantis fizeram campanhas dizendo que o voto em pretos, mulheres, etc., resolveria seus problemas. Pelo contrário, o dia da consciência negra deve ser um marco para retomar a luta pelos empregos, salários, condições sanitárias etc. As necessidades da juventude não cabe nas ilusões eleitorais dos partidos reformistas como PT, PSOL, PCdoB. ***O Boletim Juventude em Luta chama a juventude preta e pobre para se organizar e lutar de fato por suas reais necessidades, sem ilusões no eleitoralismo. ■***

## Dicionário Marxista: OPRESSÃO SOBRE A MULHER - CASO MARI FERRER

A absolvição do empresário André Camargo Aranha, estupro de Mariana Ferrer, ganhou os noticiários e o debate político no início deste mês. Não convém resgatarmos detalhes do caso, amplamente divulgado. Sugerimos a leitura do nosso Manifesto, que está publicado no Jornal Massas 624. Contudo, é fundamental trazer à tona a explicação marxista, baseada na concepção materialista da história, com relação à opressão sobre a mulher, assim como a resposta que dela decorre.

De acordo com Engels, “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino”. Nota-se que, em sua origem, a opressão feminina emergiu como a primeira forma de opressão de classes, tendo a família monogâmica como relação indispensável para a defesa da propriedade privada.

Esse diagnóstico elementar é ocultado pelos expoentes do culturalismo, os quais não explicitam a origem histórica e o papel da opressão sobre a mulher, conseqüentemente, não reconhecendo que se trata de uma forma de manifestação da opressão de classe. Muitos falam, inclusive, em interseccionar “gênero, raça e classe”, como se fossem opressões independentes e já não estivessem articuladas no próprio processo histórico, como se a opressão de classe, sobre o trabalho, não fosse a opressão fundamental, sem a qual as suas manifestações particulares não teriam se originado.

Nessa direção, admitem que é possível superar a opressão sobre a mulher, vista por eles simplesmente como machismo, ou seja, como uma atitude de superioridade do homem em relação a mulher, dentro de uma sociedade baseada na monogamia e nas classes,

como é o capitalismo, por meio de ações educativas e de políticas públicas de coerção.

Ignoram que a sociedade capitalista preserva e reproduz a opressão sobre a mulher não por uma escolha ideológica, mas porque necessita preservar a base material de onde se originam as opressões, a propriedade privada, para perpetuar a exploração sobre o trabalho.

Ora, não há mudança no âmbito da cultura, entendida como superestrutura que depende do desenvolvimento das forças produtivas, capaz de modificar estruturalmente essa condição. Não há cartilha, nem prática pedagógica que consiga mudar as relações materiais que são a base da opressão sobre a mulher. Vale dizer que essa opressão também se expressa no machismo, no estupro, no feminicídio etc., embora sua origem não esteja nesses comportamentos.

Está comprovado pela história que não é possível acabar com a opressão sobre a mulher nas sociedades de classes, guiada pela propriedade privada. Somente em uma sociedade realmente livre, sem classes sociais e sem Estado, será possível extinguir as opressões, garantindo o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas.

***Para que alcancemos essa sociedade, precisamos batalhar pela construção do Partido Operário Revolucionário, o qual se constrói sob a estratégia da revolução e ditadura proletárias. De fato, somente um governo das próprias massas oprimidas, jamais fruto das eleições burguesas, poderá criar as condições materiais e sociais para pôr fim às opressões, começando pela expropriação da propriedade privada dos meios de produção e pela socialização das riquezas e de todo o trabalho, inclusive o doméstico, a exemplo do que foi feito nos primeiros anos da Grande Revolução Socialista Russa.***